



5.15. Da cumplicidade
insuspeita dos avós:
para uma leitura de
O tubarão na banheira,
de David Machado
e Paulo Galindo⁵¹

José António Gomes
(ESE – IP Porto)

Ana Margarida Ramos
(CIDTFF – Universidade de Aveiro)

Sara Reis da Silva
(IE – Universidade do Minho)

Resumo: Este texto apresenta uma leitura do conto ilustrado *O tubarão na banheira*, de David Machado e Paulo Galindo, a partir da análise da relação entre as personagens do protagonista infantil e do seu avô. Cúmplice solidário com as aventuras mais insólitas do neto, seja por desconhecimento das suas reais implicações ou por afeto profundo, o avô representado neste texto revela-se como um elemento-chave da narrativa, uma espécie de *compère* capaz de colaborar na construção

51. Barcarena: Editorial Presença, 2009.

do cómico que perpassa toda narrativa, decorrente do elemento insólito que a estrutura.

Palavras-chave: avô, avós, conto, David Machado, Literatura Infantil portuguesa.

Abstract: This text presents a reading proposal of the illustrated short story *O tubarão na banheira*, by David Machado and Paulo Galindro, by analysing the relationship between the child protagonist and his grandfather. Depicted as a solidary accomplice in the most unusual adventures of his grandson, either because he doesn't know their real implications either because of his deep affection, the grandfather depicted in this text reveals himself as a key element of the narrative, a sort of *compère* capable of collaborating in the construction of the comic that permeates all narrative, as a consequence of the unusual element that triggers the story.

Keywords: David Machado, grandfather, grandparents, Portuguese Children's Literature, short story.

Introdução

Nascido em 1978, em Lisboa, David Machado pertence a uma nova geração de escritores que iniciaram atividade literária já neste século e que dividem a sua produção entre o subsistema literário infantojuvenil e adulto, conhecendo um reconhecimento assinalável em ambos. Para o público adulto, publicou os romances *O Fabuloso Teatro do Gigante* (2006), *Deixem Falar as Pedras* (2011), *Índice Médio da Felicidade* (2013), entretanto adaptado ao cinema e com o qual foi distinguido, em 2015, com o Prémio de Literatura da União Europeia e com o Prémio Salerno Libro d'Europa. Mais recentemente publicou ainda o romance *Debaixo da Pele* (2017). Os seus livros estão traduzidos para várias línguas e editados em di-

ferentes países, incluindo Itália, França, Marrocos e o Reino Unido, por exemplo.

Mas foi no universo da produção infantojuvenil que David Machado se estreou na literatura, quando venceu, em 2005, com o seu conto *A Noite dos Animais Inventados*, o prestigiado Prémio Branquinho da Fonseca / Expresso / Gulbenkian, o que lhe permitiu publicar a obra logo a seguir, em 2006, com chancela da Editorial Presença, com ilustrações de Teresa Lima. Seguiram-se as publicações de um conjunto de contos ilustrados de dimensão variável, como *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora* (Presença, 2007), com ilustrações de Margarida Botelho; *Um Homem Verde Num Buraco Muito Fundo* (Presença, 2008), com ilustrações de Carla Pott; *O Tubarão Na Banheira* (Presença, 2009), com ilustrações de Paulo Galindro, livro distinguido com o Prémio Autor SPA/RTP 2010 como melhor livro infantojuvenil; *A Mala Assombrada* (Presença, 2011), com ilustrações de João M. P. Lemos; *Parece um pássaro* (APCC, 2014), com ilustrações de Gonçalo Viana; *Acho que posso ajudar* (Objectiva, 2014), com ilustrações de Mafalda Milhões; *Eu Acredito*⁵² (Alfaguara, 2015), com ilustrações de Alex Gozblau; *Uma Noite Caiu Uma Estrela* (2015), com ilustrações de Paulo Galindro; *Os livros do rei* (Alfaguara, 2017), com ilustrações de Gonçalo Viana; e *Não te afastes* (Caminho, 2018), a mais recente publicação do autor, que marca a sua estreia no domínio do romance infantil, área de escassa tradição entre nós. Este último volume constitui uma narrativa, contada a duas vozes que tem algo do ritmo da tragédia, uma vez que o protagonista parece empurrado pelo fado para um precipício do qual não se vislumbra saída, numa sucessão de problemas superiores às suas forças. Mas a esperança toma uma forma inesperada e surge na vida

52. Para além do livro mais recente do autor, este será aquele, entre os aqui listados, que foge nitidamente ao género do conto ilustrado, onde David Machado tem publicação mais assídua e onde parece também mover-se com mais à vontade, aproximando-se do livro-álbum. O registo poético dos textos, muito contidos, é fortemente ampliado por um conjunto de ilustrações que acrescentam pormenores e sentidos ao livro.

do protagonista inusitadamente, permitindo refazer a personagem por dentro, libertando-a da culpa e do remorso e devolvendo-lhe a esperança e a família.

Em termos globais, a produção literária preferencialmente destinada a crianças de David Machado, como já foi sublinhado em outros estudos sobre o autor (Silva, 2011; Pereira, 2012; Pereira e Ramos, 2013), situa-se numa linha de continuidade com a tradição, procedendo à recriação do imaginário infantil, que é submetido a um processo de reconfiguração, através da introdução de elementos oriundos do maravilhoso e/ou do insólito, criando humor, mas também um questionamento e uma reflexão sobre o mundo empírico, alguns dos seus paradigmas e estereótipos. As narrativas para a infância deste escritor têm vindo a privilegiar, assim, um universo imaginário resultante da interseção, em contextos aparentemente factuais, de situações e de elementos inusitados, criando um curioso e divertido equilíbrio narrativo que o autor consegue manter seguro graças à forma como manipula a língua e os principais eixos narrativos, revelando-se um excelente contador de histórias. O pacto de leitura subjacente a praticamente todas as narrativas de David Machado decorre exatamente deste pressuposto, a transfiguração do real por ação da imaginação, do sonho ou do insólito, mantendo-se a narrativa na fronteira entre o fantástico e o verosímil.

O tubarão na banheira

Este volume foi particularmente bem acolhido pela crítica e pelo público, como prova não só o prémio recebido, mas a sua reedição sucessiva ao longo dos últimos anos, feito praticamente inédito no panorama nacional português. Para este sucesso, concorrem não só a qualidade da proposta literária, dominada por uma sucessão de cenas cada vez mais cómicas e caricatas, mas também o contributo da ilustração, da autoria de Paulo Galindro, capaz, na medida justa e certa, de complementar um texto marcado pelo ritmo narrativo

e, sobretudo, por um final surpreendente. As suas ilustrações sublinham a dimensão lúdica do texto e recriam os momentos centrais da ação de forma divertida, procedendo, ainda, ao nível dos elementos peritextuais, como capa, contracapa, guardas iniciais e finais e folha de rosto e ficha técnica, a uma espécie de resumo e comentário do texto, estabelecendo com ele uma curiosa relação de complementaridade que, em alguns casos, se aproxima da sugestão metaficcional.

Em linhas gerais, a narrativa conta, em primeira pessoa, as aventuras de um rapaz e do seu avô em torno das tentativas de ambos de arranjar peixes para colocar num aquário, em casa, pescando-os sucessivamente na praia. Acontece que, apesar dos esforços de ambos, os resultados não são exatamente os esperados, e sucedem-se as tentativas – sempre frustradas – para corrigir os vários problemas que vão surgindo para colmatar os anteriores. Apesar das iniciativas serem, sobretudo, do narrador, o avô vai colaborando em todas as ideias, transformado em testemunha e cúmplice de um conjunto de decisões que tendem a revelar-se catastróficas, uma vez que está momentaneamente incapaz de avaliar com objetividade e rigor todas as situações, dado que vê pessimamente, desde que partiu um par de óculos e não consegue encontrar o substituto. Este é, aliás, o ponto de partida para todo o enredo, na medida em que é enquanto ajuda o avô a procurar os óculos que o narrador encontra um aquário vazio e decide arranjar-lhe um ocupante. Não satisfeito com o primeiro ocupante, um pequeno peixe batizado de Osvaldo, o rapaz empreende uma nova pescaria, trazendo, desta vez, o tubarão que dá título ao conto. Os problemas causados pela presença do tubarão, primeiro em casa e depois na escola, são tantos, que avô e neto se veem obrigados a libertar o animal, perdendo também Osvaldo nessa aventura. Com o aquário novamente vazio, tudo regressa ao início, nova pescaria, novo animal é trazido para casa, só que, desta vez, o avô, depois de finalmente encontrar os óculos, descobre que pescou uma baleia, para sua surpresa e dos leitores.

Da cumplicidade do avô como elemento narrativo decisivo para a intriga

O texto é ainda particularmente rico em termos das referências de cariz metalinguístico, uma vez que o narrador, possuidor de um Caderno de Palavras Difíceis, que surge como apêndice ao conto, ilustrado nas páginas finais, passa em revista o mundo à sua volta, tentando encontrar, na lista de palavras que vai aprendendo, as que melhor definem o que observa, com especial relevo para as reações de todos à sua volta. Esta particularidade soma, ao cómico de situação dominante, mais um tipo de cómico, o de linguagem. A figura do avô, contudo, seguindo o neto sem conseguir ver com clareza o que se passa à sua volta, também é particularmente cómica, constituindo, aliás, como referimos, o ponto de partida para a ação. Nesse sentido, tem igualmente graça o facto de o fecho da narrativa estar também entregue ao avô, fechando o ciclo iniciado com a destruição dos óculos, o começo de todos os males. É talvez por estas razões que a partilha de protagonismo entre o narrador e o avô é significativa, numa espécie de aproximação cúmplice e companheira entre ambos, onde não parecem existir quaisquer obstáculos comunicativos. Curiosamente, do ponto de vista visual, isto não se verifica, dado que o ilustrador optou por não ilustrar o rosto de qualquer outra personagem da história, para além do narrador, sendo o avô, a mãe e os amigos da escola apenas parcialmente representados.

O avô é introduzido logo no início do texto, a entrar na sala e a dirigir-se à sua poltrona, onde se senta “como se fosse um rei a cair sobre um trono” (Machado, 2009: 6), sugerindo que se encontra na própria casa, o que configura um tipo de família alargada, com o avô e o neto a viver juntos. O avô é apresentado como distraído, já que nunca sabe onde tem os óculos, mas também ativo e dinâmico, porque procura imediatamente arranjar uma solução para o problema. Será, contudo, a ausência dos óculos e a incapacidade de ver do avô que dela decorre, mantida até ao final do conto, que permite sustentar a verosimilhança do relato, justificando o seu comportamento.

Apesar de tudo, em muitos momentos, o avô não deixa de surgir como a voz da razão, mas parece falar mais alto o desejo de ver o neto feliz, o que o leva a corresponder positivamente a todas as vontades ao neto, acompanhando-o em todas as aventuras e iniciativas. A relação de confiança mútua que existe entre ambos, transformados numa espécie de companheiros de brincadeiras, até em resultado do muito tempo que parecem passar juntos, explica esta cumplicidade. Mesmo adormecendo na praia durante as pescarias, o avô está sempre ao lado do neto em todas as situações, colaborando quando é preciso esforço físico acrescido para retirar o tubarão da água:

Travei com o peixe uma batalha feroz, até que percebi que sozinho nunca iria vencer, e então acordei o meu avô. Puxamos os dois, ao mesmo tempo, segurando a cana com as nossas quatro mãos e com os pés bem cravados na areia, e quase uma hora depois, conseguimos arrastar o peixe até à beira-mar (*Ibidem*: 13).

Para além da cooperação e dos esforços conjuntos e sintonizados de avô e neto, veja-se como o primeiro não só não questiona o segundo sobre a tarefa, como é justamente esse trabalho em conjunto que dá verosimilhança ao relato, sustentando a possibilidade de pescar um tubarão na praia. Uma vez pescado o tubarão, o avô ainda tenta chamar o neto à razão, dizendo que o peixe lhe parece demasiado grande e não tendo a certeza se levá-lo para casa será uma boa ideia, mas os argumentos do neto sobre a necessidade de companhia de Osvaldo são suficientes para convencer o avô a metê-lo no táxi, apesar de ir “o caminho todo a dizer que se calhar era grande demais” (*Ibidem*: 17), o que só adiciona cómico ao texto, uma vez que o avô levanta uma hipótese que é uma efetiva certeza para os leitores, confirmando a sua falta de visão, mas também o seu exíguo sentido de razoabilidade.

De algum modo, o conto sugere uma grande proximidade entre o avô e o neto que, apesar de explicada pela ausência de visão, resulta, afinal, de uma forma semelhante de ver o mundo: ambos querem e procuram a felicidade à sua volta, seja a de Osvaldo, seja a do rapaz, não poupando esforços e energia para realizar esses desejos. Além

disso, e em resultado dessa limitação do avô, o neto parece, de algum modo, atuar como mediador entre ele e o mundo, dando-lhe conta – com mais ou menos fidelidade – do que se passa à sua volta, traduzindo-lhe as reações dos outros:

Como não via nada sem os óculos, o meu avô perguntou-me:

—Que tal?

Eu tive de dar o braço a torcer:

—É muito grande.

Era muito grande. Muito grande para um aquário tão pequeno, que ainda por cima tinha outro peixe lá dentro.

(*Ibidem*: 19-20).

Mas, apesar da constatação do facto de o tubarão ser demasiado grande, não correspondendo seguramente ao amigo ideal para Osvaldo, o narrador (e o avô!) não desistem, avançando perigosamente na sua decisão de os aproximar. É na companhia do avô que o narrador se desloca todas as semanas à praia, para carregar alguidares cheios de água do mar, para colocar na banheira, onde o tubarão passa a viver, sendo, igualmente, o avô o elemento da família que mais depressa se habitua ao novo animal.

Mas será também o avô, depois das peripécias ocorridas na escola e das confidências do neto sobre a sucessão de catástrofes aí gerada, a chamar o neto à razão, conversando com ele sobre a melhor forma de resolver o problema:

Quando contei ao meu avô o que se havia passado na escola, ele respondeu com toda a calma:

—Sabes que está na hora de levars o peixe grande de volta para o mar.

Ele tinha razão.

(*Ibidem*: 28).

A cena torna evidente, para além da calma e da forma como o avô conduz o neto a tomar a decisão acertada, o companheirismo, já que, mais uma vez, a nova viagem até à praia é feita em conjunto, uma espécie de ritual a que as personagens se começam a habituar, tal como às próprias pescarias, dado que Osvaldo também aproveita o momen-

to da libertação do tubarão para escapar. Deste modo, avô e neto voltam a tentar, mais uma vez, encontrar o habitante ideal para o aquário. O esforço para o retirar da água volta a ser conjunto e partilhado, bem como para o transportar para a banheira, entretanto transformada numa espécie de aquário permanente. A narrativa termina quando o avô, que, finalmente, encontrara os óculos “dentro de uma lata de bolachas na cozinha” (*Ibidem*: 33), descobre que o peixe grande que em aberto a possibilidade de mais aventuras.

Em síntese, e ainda que a personagem do avô não tenha o destaque da do narrador, a verdade é que ele configura uma presença permanente e continuada na vida do narrador, caracterizando-se pela atividade e dinamismo, mas, sobretudo, pela companhia e cumplicidade constantes. O recurso, na caracterização do avô, a um elemento aparentemente estereotipado, como é a falta de visão, não é aqui introduzido com outro objetivo que não seja puramente de ordem narrativa, na medida em que se trata de grande relevo para a manutenção, até ao final, da ignorância sobre o animal pescado, permitindo a descoberta final. Essencial para o desenrolar de todas as etapas da narrativa, na qual desempenha uma espécie de função de apoio do narrador, colaborando na construção das cenas mais divertidas, o avô é uma figura omnipresente, mesmo se não muito destacada no texto, a grande referência do neto e o seu principal interlocutor. Em alguma medida, parece até substituir os pais ou os próprios irmãos e amigos, dada a sua presença constante. O seu registo, oscilando entre a voz da razão e o apoio incansável ao neto em todos os momentos, permite entendê-lo como uma espécie de personagem situada a meio do caminho entre a ingenuidade infantil e a seriedade adulta, correspondendo à sugestão frequente de que pertence à geração que melhor compreende e comunica com o universo da infância e com a qual parece partilhar algumas características.



Referências bibliográficas

- Pereira**, Elsa Maria dos Santos (2012), *David Machado: um passaporte para o sonho*, Tese de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pereira**, Elsa Santos e Ana Margarida **Ramos** (2013), “Variações oníricas na literatura para infância portuguesa contemporânea: o caso de David Machado”, *Agália*, 108, 177-189.
- Silva**, Sara Reis da (2011), “As ‘invenções’ de David Machado: uma leitura das suas narrativas vocacionadas para a infância”, *Solta Palavra*, 17(1), 18-22.